

# Telefones ajudaram a desvendar crime

**BRASÍLIA** — Semanas antes de a Polícia do Distrito Federal ter prendido o economista José Carlos Alves dos Santos como mandante do assassinato da mulher Elizabeth, os agentes de segurança comandados por Índio rastrearam as ligações telefônicas do economista nas dependências do Senado e chegaram ao nome dos executores do crime. Na época, Índio só revelou o fato aos senadores Jarbas Passarinho (PPR-PA), presidente da CPI do Orçamento, e Mauro Benevides (PMDB-CE), líder do PMDB, que "quase caíram para trás". As informações foram repassadas por Passarinho à Polícia, que desvendou finalmente o assassinato.

Com contatos nos setores militares e na comunidade de informações, Índio tem, sob seu comando, um contingente de agentes que nem ele mesmo consegue quantificar. Além da segurança ostensiva do Senado, formada por funcionários da casa, circulam nos corredores agentes das Polícias Federal, Militar e Civil.

"Nada acontece aqui que a gente não saiba", revela. Até mesmo episódios constrangeadores, relacionados à vida privada de senadores e funcionários, chegam ao chefe da segurança. "As piores noites, para mim, são as de sexta, sábado e domingo, quando não descanso", relata Índio, que não se separa do celular nem da pistola Colt 45, às vezes substituída por um Magnum Paiton 357.

Pai de 16 filhos de quatro casamentos, Índio é devoto de Padre Cícero, com quem diz conversar todos os dias. A decisão de se aposentar, por exemplo, foi debatida com o protetor. "Cansei", explica. "Melhor sair agora, enquanto estou bem." (R.C. e H.C.)